CAPRI...

...pertence a cada um de nós

Eunice Khoury Pacelli

Capri saúda seus habitantes, turistas, os passantes com o "bom-dia" caloroso de suas flores, espalhadas em manchas coloridas pelos rochedos escarpados da ilha, desde a entrada do porto, nos jardins e terraços ou em qualquer esquina.

Insula Caprense é assim chamada, talvez porque seu perfil evoque uma cabra deitada. Os gregos da antiguidade chamavam-na *Kapreas*, Ilha do Javali. Sendo pródiga em cabras, conforme textos do século XVII, que exaltavam as iguarias deliciosas, preparadas pelos monges da Certosa (claustro), se simplifica [illegible] tudo seu nome à Ilha. Prolongamento da península sorrentina, de natureza calcária. Capri acolhe 12.000 habitantes, nos 10km². Divide-se em dois municípios: Capri, propriamente dita, a popular, e Anacapri, situada no alto, a aristocrata.

Embora seus colonizadores tivessem sido fenícios e gregos, o grande apaixonado por Capri foi Augusto, nela tendo desembarcado em 29 a.C. A seguir chegou Tibério que trouxe prosperidade à Ilha, nela fundando seu pequeno reino onde viveu de 26 a 37 d.C. ano de sua morte. Sob as ordens de Tácito, (200 a 276 d.C.), imperador romano por apenas alguns meses, doze belas villas foram erigidas. Na que foi dedicada a Júpiter (Villa Jovis) Tácito estabeleceu sua residência imperial. Seus vestígios, assim como os da Villa *Damecuta*, imponentes, grandiosos, subsistem até hoje.

Capri Città nasceu em meados do século XIII, aglomerando-se em torno da atual e charmosa *Piazzetta*. Local ideal para a proteção dos habitantes contra incursões marítimas de corsários. *Marina Grande* era, então, um ponto de abordagem. A estrada que hoje sobe em direção ao centro de Capri ainda não existia. Seus barrancos e paredes abruptas bastavam para protegê-los e, à noitinha, as portas da fortaleza se fechavam.

Na Ilha encontra-se o túmulo de San Costanzo, seu protetor.

No século XVIII Ferdinando di Borbone, grande amante da caça, era assíduo na Ilha. Graças a seu empenho as escavações tiveram início. Infelizmente os mosaicos e mármores encontrados foram levados para seu palácio em Nápoles.

Se a realidade, em geral, é menos atraente que a fantasia, Capri desmente esta idéia. Ela é a própria fantasia tornada realidade, com um certo jeito de paraíso. Capri assim mesmo, é deslumbrante, surpreendente, perfeita! Exaltemos a sua posição geográfica, abrindo-se ao Golfo de Nápoles, ameaçada pela amplidão do horizonte que leva ao mar Tirreno. Encantam as grutas fantásticas e numerosas – são mais de trinta – cada uma com sua coloração própria (uma mais bela que a outra, como jamais poderia supor a imaginação), o seu relevo irregular, o charme dos terraços incrustados nas rochas escarpadas, salpicados de matizes diversos das flores insulares e suspensos sobre o mar, o Monte Solaro, (589m), com a beleza, magnífico belvedere a descortinar o Golfo mágico de Nápoles. Chega-se ao cimo por meio do teleférico – de cadeirinha – sensação agradável e silenciosa... os pés soltos no espaço, a roçar arbustos e oliveiras. Diante do Porto Tragara depara-se com duas rochas pontiagudas, como gigantescos fragmentos elevando-se do mar. São os imponentes *Faraglioni* (*[illegible]*), a reinar como autênticas divindades, reproduzidos em cartões postais como símbolos de Capri.

De barco faz-se a volta à Ilha.

"...Prossegue o desfile da natureza. As grutas se apresentavam. Cada uma um espetáculo único. Momento de encantamento. Os azuis se multiplicavam nas águas. Havia grutas de todas as cores, até mesmo uma gruta vermelha. Corais rubros se mostravam quando as águas desciam, vaidosos de suas colorações, surgindo a todos os tons azulados criados por Deus. Impossível descrever tamanha beleza, tanto azul. Chegamos à Grotta Azzurra (Gruta Azul). A cor da água, azul cobalto, deriva do extraordinário efeito da luz solar que chega ao seu interior através da refração. Da lancha passamos para um barco de pequeno porte, próprio para atravessar a fenda na rocha. O barqueiro cantava canções tradicionais, enquanto nos ajudava. Em seguida passou aos remos. Para adentrarmos este santuário da natureza devemos nos abaixar no barco, pois a entrada da gruta, a fenda, é estreita e baixa, em relação ao nível da água. Além disso, era preciso aguardar a alternância entre as sucessivas ondas, tarefa bem executada graças à habilidade e experiência do barqueiro. Penetramos a caverna, encolhidos. Que magia!... Murmúrio geral, muda exclamação, pensamento único: 'Oh gruta, vales a pena ser vivida para penetrar teus mistérios. A vida valeu por este único momento.' Momento quase sagrado. As águas em movimento, manancial de luzes, azuis de safiras perfeitas cintilavam ao ar de se ver, o tempo imortalizava aquela felicidade. Quando partirmos desta terra, que tesouro levaremos, sem dúvida..." (Do livro *Buscando o Céu* de Eunice Khoury Pacelli).

Em seguida vem a Grotta Verde, a do Canon, (assim chamada devido ao ruído forte e constante a lembrar o estrondo de um canhão), a Grotta Rossa, (Gruta Vermelha) pois que suas paredes possuem tonalidades sanguíneas graças às eflorescências e aos corais.

Muito comum é o lagarto azul (*[illegible]*!...), a *lacertola azzurra*, encontrado nos *Faraglioni*. Espécie rara e única no gênero.

Em Capri, sua majestade, o Mar, domina por todos os lados. Podemos apreciá-lo de qualquer ponto da ilha, sentir seu agradável odor e ouvir-lhe o rumor poético. Muitos são os balneários na Ilha. Mas pode-se chegar ao mar por caminhos de anfractuosidades, caminhos, atalhos e trilhas sinuosas, entre as rochas. Há os que preferem o admirável passeio entre os bares da *Piazzetta* e o Belvedere de *Tragara*. Há os que escolhem a Capri clássica, menos freqüentada, rica em vestígios de outras eras e aqueles que alternam uma e outra, a Capri cosmopolita e popular, e a aristocrática Anacapri, a dos espaços mais vastos, a do ar mais puro, a das flores coloridas, espalhando-se sobre o Monte Solaro. Em Anacapri o médico e escritor sueco, *Axel Munthe*, construiu, pedra por pedra, a nobre *Villa San Michele*, hoje um extraordinário museu.

Outro grande amigo da Ilha foi *Edwin Cerio*, homem de letras, escritor e historiador, alma sensível, grande defensor das belezas autênticas de Capri. Não vivia para ser um rochedo isolado, o de transformar a Certosa de di San Giacomo em museu. A restauração aconteceu recentemente. A Certosa é a resposta cristã à Villa Jovis e a outras construções pagãs de grande esplendor.

A ilha surpreende e encanta. Quem lá chega não quer mais partir. Perambula-se pela *Piazzetta*, ao lado de personalidades, visitando o *Arco Naturale*, a *Pizzolungo*, o *Matromania* (antro, *Mater Magna*. Segundo a tradição lá celebravam-se ritos da grande Mãe Terra, a deusa Cibele, a mais antiga das divindades pagãs) e a *Marina Piccola*, de onde se desce pela moderna e famosa Via *Krupp*, toda em curvas, a ligar esta Marina aos jardins de Augusto.

Subindo-se até *Anacapri*, emoção a cada passo, a cada tropeço. Do alto, os olhos deixam-se amparar da ilha, do Golfo, das águas e de seus tons azulínos.

Na Igreja *San Michele* nota-se o piso executado em faiança, representando o Paraíso Terrestre, esculturas e azulejos do século XVII, considerados como os mais belos existentes.

Entre alvas casas, jardins e parreiras, o silêncio se impõe diante da ordem da natureza (os automóveis foram banidos de quase todas as ruas). Únicos sons, o da alegria. No centro, famosas joalherias – jóias em ouro, pedras e corais de tonalidades várias – e lá para as lojas apresentam grandes etiquetas, outras, originais e ricas peças de artesanato. Chapéus de palha em modelos diversos, alpargatas de lona e corda, lãs e sedas trabalhadas à mão, cerâmicas típicas. A indústria de roupas ainda é importante com um excelente naipe de alfaiates. Célebres perfumes retêm os aromas de Capri. Leva-se Capri num pequeno frasco, para não se morrer de saudades.

No verão, concertos e espetáculos se sucedem. Night clubs, bares de classe ou populares recebem os visitantes. Na Certosa é oferta, exposições de pintura, antiga e contemporânea são apresentadas. Nas Bibliotecas Municipal e do Centro de Estudos Ignazio Cerio, contamos com importantes livros sobre a história local.

O vinho da Ilha é límpido, dourado, seco e perfumado. A cozinha napolitana oferece massas recheadas famosas, pimentões e berinjelas, coelho, cozido no forno, ao molho de tomate, queijos frescos, chegados diariamente de Sorrento, e peixes frescos, pescados à noite. Sobremesa inesquecível, a *torta caprese* combina amêndoas e chocolate.

Não se vai a Capri por tudo o que conseguimos descrever. Mas por tudo o que ainda falta contar. "Viver a Capri não ver é como existir sem jamais uma flor conhecer."

Aprenda Capri com quem a conhece profundamente. Solicite seu roteiro. Um dia, dois, uma semana, um mês. Tel. 541-1617.

Torta Caprese

Para 4 pessoas

Ingredientes: 4 ovos, 200 gr de açúcar, 150 gr de manteiga sem sal, 250 gr. de amêndoas sem casca e liberadas das peles (para isso cozinhá-las até que as peles se tornem macias, possibilitando a sua retirada), 3 colheres de chocolate em pó, 50 gr. de pinhõezinhos (*pinoli*, para os italianos, *snouba* ou *snouba*, para os árabes) passas sem sementes, amolecidas em um pouco de rum, baunilha a gosto.

Preparo: Colocar na batedeira os ovos inteiros, o açúcar, misturando durante 5 minutos. Acrescentar a manteiga, o chocolate, as amêndoas moídas, os pinhõezinhos, as passas e a baunilha. Misturar bem todos os ingredientes colocando a massa obtida numa travessa untada com manteiga e coberta de farinha. Assar no forno à temperatura de 180° por aproximadamente 40 minutos.

Mezzogiorno

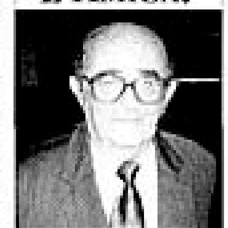
Ristorante

A verdadeira trattoria italiana no centro do Rio de Janeiro
Em um ambiente acolhedor situado no corredor cultural do Rio, são servidos os melhores pratos da culinária italiana e calabresa.

Massas, Carnes, Frangos, Frutos do Mar, Saladas podem ser acompanhadas de um Chianti, um Valpolicela vindos diretamente da Itália, além do saboroso pão com linguiça calabresa feito à moda caseira.

Rua do Mercado, 51 (próximo ao Centro Cultural Banco do Brasil)

Por que a Itália é Amiga?



Antonio Olinto

Minha ligação com a Itália é antiga. Originário de uma família muito católica do interior de Minas – meu tio e um primo foram padres – entrei no seminário de Belo Horizonte. Eu fui um dos escolhidos para dar prosseguimento aos meus estudos num colégio de Roma e, por isso, viajei para São Paulo para aprender a língua italiana. Comecei a ler e falar italiano, era lá que eu ia estudar. Infelizmente naquele ano, 1935, houve a invasão da Abissínia por parte de Mussolini e minha viagem foi adiada. Em 1937 deixei a batina, mas a Itália já despertara em mim a sua importância. O lado cultural me foi iluminado por Manuel Bandeira. Certo dia, cheguei perto dele e cumprimentei-o «Bom dia, poeta!» e ele me respondeu «Poeta? Poeta é Dante, não há outro Poeta a não ser Dante. Esta frase nos leva à Itália. É a Itália, com sua língua. Tudo isso foi criando em mim entusiasmo e deferência, até que eu pude conhecê-la, já de adulto: Roma, Turim e Milão. Em Milão está a minha editora, Jaka Book, que já editou cinco livros meus. Em Turim fui chamado como palestrante pela Fundação Grinzane Cavour, num encontro no qual participaram oradores dos cinco continentes. Participei de inúmeras conferências em Roma e em Nápoles. Certa vez, Charles Wagley, um professor norte-americano que dirigia o setor latino, me perguntou: «Você está com Moscou ou com Hollywood?», eu respondi: «Nem com Moscou, nem com Hollywood, eu estou com Roma!». A pergunta referia-se ao fato que os brasileiros eram vistos ou como esquerdistas ou como fãs americanos. Eu quis mostrar-lhe, assim, minha essência cultural e espiritual.

Eduardo Pacelli